

Minicurso: O Brasil na obra de Ruy Duarte de Carvalho *Desmedida, Luanda-São Paulo-São Francisco e Volta: relatos de viagem.*

Fernanda Santos¹

RESUMO

Ruy Duarte de Carvalho expressa, em suas obras, um percurso que é uma espécie de espiral de autoconsciência, extremamente produtivo enquanto traço geral da literatura do fim de século XX e traço específico quanto ao momento político econômico de Angola. A narrativa de *Desmedida, Luanda-São Paulo-São Francisco e Volta*, de Ruy Duarte de Carvalho, mostra a capacidade do autor em ler paisagens. A partir de imagens muito vivas, o narrador nos oferece um Brasil que mostra uma convergência notável entre o país percorrido e o sujeito que o percorre. A mobilidade e a circularidade são constantes, na obra do escritor, temporalizando e reconfigurando o espaço. (SILVESTRE, 2006, p. 26) O olhar do narrador perpassa uma viagem por paisagens e culturas desconhecidas, um olhar que é também voltado para si próprio, num processo constante de auto-reflexão em diálogo com o Outro. A viagem é também, nesta narrativa, um modo de busca identitária. (GUATTARI, ROLNIK, 1986) Tendo em mente a centralidade de Angola em sua obra, o leitor nota que pelos caminhos do sertão brasileiro e pelas ruas agitadas de São Paulo, o narrador não deixou de buscar o seu país de origem. *Desmedida* começa pela referência explícita ao Brasil, mas ao lermos toda a obra, verificamos que mais do que uma alteração espacial, trata-se de uma mudança de perspectiva. Também aqui, e de modo intenso, o escritor incorpora a deriva como um movimento produtivo, explorando as possibilidades de desvendar o real.

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Adjunta no Colegiado de Letras, Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional Oiapoque. Email: fercris77@gmail.com.

Palavras-chave: Angola, Brasil, Ruy Duarte de Carvalho, relato de viagem, identidade.

1. A obra de Ruy Duarte de Carvalho: singularidades e reflexividade crítica

Na obra de Ruy Duarte de Carvalho, etno-poesia, relato de viagem e crónica política são gêneros em que as fronteiras se diluem ou mantêm uma tensão inquieta. Esta hibridez não se confunde com uma miscelânea pós-moderna e pós-colonial. Há na escrita de Ruy Duarte de Carvalho algo que se furta a qualquer rótulo, um constante auto-questionamento e autoreflexividade.

Ruy Duarte de Carvalho nos mostra, em seus textos, que é um autor decisivo no que tange ao que escreve. Assinale-se, com efeito, os títulos enigmáticos, auto-reflexivos, poéticos, que dá aos seus textos: *Vou lá Visitar Pastores* (CARVALHO, 1999), *Actas da Maianga – dizer das guerras em Angola*. (CARVALHO, 2003), *Os Papéis do Inglês* (CARVALHO, 2000), *As Paisagens Propícias* (CARVALHO, 2005), *A Câmara, a Escrita e a coisa dita... fitas, textos e palestras* (CARVALHO, 1997) para referir apenas alguns deles.

São todos textos de viagem. Viagem de antropólogo a caminho do terreno, narrando a um interlocutor privilegiado as suas experiências, contando histórias sobre os pastores kuvale a um amigo em Londres, ou narrando o Brasil ao amigo pastor. Diálogos e monólogos acompanham trânsitos entre Lisboa, Luanda, Nova Iorque, entre Angola e o Brasil. Viagens não só entre lugares, mas também entre textos que com ele viajam, o inspiram: desde estudos sociológicos ou antropológicos, a romances, narrativas de viagem, ensaios filosóficos. Viagens entre o tradicional e o moderno, o centro e a periferia. Viagens entre livros, hesitando entre o mundo interior e os modos de entender o mundo em geral. (SANCHES, 2016, p 1-5)

2. Mobilidade e circularidade

A narrativa de *Desmedida*, de Ruy Duarte de Carvalho, mostra a capacidade do autor em ler e descrever paisagens. A partir de imagens muito vivas, o narrador nos oferece um Brasil que mostra uma convergência notável entre o país percorrido e o sujeito que o percorre, temporalizando e reconfigurando o espaço. (SILVESTRE, 2006, p. 26) O olhar do narrador perpassa paisagens e culturas desconhecidas, um olhar que é também voltado para si próprio, num processo constante de auto-reflexão, em diálogo com o Outro. (SIMONET, 2010) A viagem é também, nesta narrativa, um modo de busca identitária, que Guattari e Roldnik definem como um “processo de segundo grau, em permanente processo de construção/desconstrução, criando espaços dialógicos e integrando a trama discursiva sem paralisá-la”. (GUATTARI, ROLNIK, 1986).

A dimensão da viagem aqui se manifesta como um dado estrutural. É com a bagagem da antropologia, formação do autor, que este vai organizando sua travessia. Com essa base, ele vai perscrutando o universo das mobilidades culturais, uma característica das populações pastoris que ocuparam o seu pensamento e foram contempladas em *Vou lá Visitar Pastores*. (CARVALHO, 1999) O autor nos alerta para os significados e o peso da mobilidade dessas populações que vivem no sudeste de Angola, às quais ele dedicou a maior parte de suas reflexões.

Assim chegamos à noção de fronteira, e daí ao gosto de viajar, tão presente na obra e na vida do escritor. Os nomes dos lugares – Luanda, São Paulo e São Francisco - já presentes no subtítulo, prenunciam que *Desmedida* é um livro de viagem, embora seja bem mais do que isso. A força das paisagens está ali encenada, mas há outras vias que conduzem o narrador, fazendo-o perder-se nas voltas que confundem e encantam sua escrita:

3. Centralidade de Angola no percurso de *Desmedida*

Tendo em mente a centralidade de Angola em sua obra, o leitor nota que pelos caminhos do sertão brasileiro e pelas ruas agitadas de São Paulo, o narrador não deixou de buscar Angola. Sem deixar de trazer um relato de viagem, a obra rompe a ilusão de familiaridade, pois a própria viagem se revela

bastante complexa. A viagem no texto e a viagem do texto se sobrepõem e confundem, mantendo entre elas uma relação constante, mas sempre ambígua, numa escrita que se configura como o lugar através do qual o sujeito se reúne com os outros seres humanos. A escrita é, assim, um lugar de implicação do sujeito no mundo exterior e vice-versa. (SIMONET, 2010)

A associação entre a crônica e a viagem foi sempre cultivada, e aqui não surpreende, tendo em conta a formação do autor em antropologia, profissão em que são inerentes os laços de parentesco entre os deslocamentos e a escrita. A centralidade que essa relação alcançou no domínio da antropologia está amplamente tratada em *Obras e Vidas. O antropólogo como autor*, de Clifford Geertz. (GEERTZ, 2005) Se nos concentrarmos na obra de Ruy Duarte, percebemos como a mobilidade constitui um motivo preponderante na organização do enredo. Em cada uma dessas narrativas sentimos que a relação entre antropologia e literatura é minuciosamente trabalhada.

A fronteira faz parte do tecido da experiência e do gosto de viajar, tão presente na obra e na vida do escritor. O processo narrativo é orientado pelo gesto de atar pontas do tempo: o passado, em que se localizam as referências intelectuais a serem convocadas, e o futuro, que será apreendido na decodificação das paisagens visitadas durante a viagem do escritor angolano. O papel epistemológico do sujeito é o de quem tenta conhecer, em trânsito, o espaço. Assim, o espaço, como a geografia, torna-se noção e proposta do sujeito. (SILVESTRE, 2006)

Em *Desmedida*, isso se confirma de várias maneiras. A começar pela referência explícita ao Brasil. Ao atravessarmos toda a obra, se verifica que mais do que uma alteração espacial, trata-se de uma mudança de perspectiva. Também aqui, e de modo intenso, o escritor incorpora a deriva como um movimento produtivo, explorando as possibilidades de desvendar o real. Ao final do texto, o leitor nota que, pelos caminhos do sertão brasileiro e pelas ruas agitadas de São Paulo, o narrador sempre buscou Angola.

Logo no princípio se estabelece uma relação enigmática e paradoxal entre o título *Desmedida*, substantivo ou adjetivo que evoca o infinito, o sem limite, o inacabado e as indicações *Luanda – São Paulo – São Francisco e volta* que desenham um roteiro de viagem com marcos geográficos perfeitamente

identificáveis, que têm Luanda como ponto de origem e de regresso. No fecho do livro, o narrador se refere à desmedida deste modo:

a distância que vai da gloriosa desmedida da intenção à desmedida vã de tanta página: o alcance da intenção permanecerá para sempre inacessível... não há redacção que não acabe por colocar ao autor o abismo que medeia entre o brilho da ideia que perseguiu e a palidez do resultado que alcançou... acometeu a caverna de alibabá e não trouxe de lá senão um miserável punhado de tostões... (CARVALHO, 2010, p. 389-390)

Esta constante preocupação com os caminhos da literatura percorre todo o relato da viagem onde alternam ou se entrecruzam vários níveis ou estratos espaciais e temporais. Este viajante vem de Angola, do continente africano, com outras motivações, que se vão revelando ao longo do roteiro que desenrola. Melhor dizendo, dos roteiros, o da viagem no plano físico e o da construção diegética da narrativa, ambos mobilizados pelo interesse no Brasil contemporâneo que a incursão na geografia e na história permitem encontrar.

Seguindo na direção do centro do país, o narrador não vai, como poderíamos esperar, à procura do que está consolidado. Seu rumo é pautado pelo desejo de aferir a pulsação do São Francisco, que corta as terras que ganharam estatuto lendário nos textos de Euclides da Cunha e de Guimarães Rosa. Na companhia desses autores, e de outros como Richard Burton, Teodoro Sampaio e Saint-Hilaire, efetiva-se seu plano de conhecer e reconhecer partes de um país com que, há décadas, estabeleceu relações tão vivas. O Brasil faz parte do imaginário do autor, e Angola abre-se a outras formas de apreensão.

É nesta “escrita do mundo”, tal como a concebe Edouard Glissant, que se concilia a singularidade de um ponto de vista com a abertura ao universo. A partir duma língua e dum ponto de enraizamento, estar desperto para o mundo e para as suas vivências. (GLISSANT, 1993; COLLOT, 2005) Angola é o ponto de referência constante – intelectual, imaginário, e também físico – para pensar os outros territórios visitados, e isso é deixado explícito pelo narrador, quando anuncia seu objetivo primacial: “Ensaiasse tão-só, talvez, dizer do Brasil a partir

de Angola, a partir da situação nacional que é a minha em relação ao mundo e a Angola (e exatamente só a partir disso)". (CARVALHO, 2010, p. 54)

A presença de Angola remarca o itinerário, ou melhor, os itinerários, a viagem objetiva e a viagem do texto. Mais do que o desejo, a necessidade de observar Angola a partir de outros lugares, vendo-a sob outros ângulos, é uma das finalidades de todo o percurso, bem como encarar o seu país numa perspectiva contemporânea, contextualizando-o no quadro do presente de que não pode deixar de fazer parte.

4. Travessias no mapa

Desmedida divide-se em dois grandes segmentos, chamados *Primeira Metade* e *Segunda Metade* (numa composição equilibrada a fazer jus aos nomes), e um fecho. Cada uma dessas metades se divide em três partes, que, por sua vez, se subdividem no que talvez pudéssemos reconhecer como subcapítulos. Na *Segunda Metade* dois terços se ocupam de Angola, que é, na verdade, mais uma vez, o foco principal da atenção do narrador.

Desmedida constitui, no fundo, uma contínua digressão, como, aliás, lhe cabe, por ser um conjunto de crônicas escritas ao longo de uma viagem pelo Brasil. Luís Quintais observa que, na escrita de Ruy Duarte de Carvalho, "aquilo que é mapa, provisão para a jornada, também é, paralelamente, perda de referentes, ausência de inteligibilidade, duro exercício de questionamento e procura". (QUINTAIS, 2000, p. 363)

As continuidades e convergências entre temas, histórias e personagens permitem ao narrador juntar materiais heterogêneos num texto em que a própria ideia de centro e de linearidade é rejeitada logo à partida, por não ser funcional às exigências da escrita, sobretudo numa escrita de viagem. (MICELI, 2011, p. 80)

A relação entre o problema da destinação e o do desvio emerge com toda a clareza no episódio que marca a transição da primeira para a segunda metade do livro. De fato, embora *Desmedida* se possa considerar um conjunto de digressões, cujo fio condutor é a viagem pelo São Francisco acima,

acompanhada pela reflexão sobre o Brasil a partir de uma perspectiva angolana – e, por conseguinte, sobre as relações entre os dois países –, a súbita decisão de interromper a viagem e voltar a Angola, para colocar as suas notas em ordem, constitui um tipo de desvio diferenciado, por se tratar de uma decisão tomada conscientemente pelo autor e não de um acontecimento inesperado que mudou o curso da viagem. (MICELI, 2011, p. 80)

O regresso a Luanda causa um desvio que é não só geográfico, mas também temático. Desta maneira, a inscrição de Angola no panorama do livro acaba por tornar a viagem pelo Brasil uma espécie de pretexto para, na verdade, falar mais uma vez de Angola. E o desvio desempenha aqui exatamente esta função, porque, afastando o autor do pretexto do livro – o seu falso centro – leva-o para outros caminhos, que são os que garantirão, tal como nos *Papéis* e na *Terceira Metade*, a sobrevivência do livro, arrastado por uma deriva incessante, que o torna possível. (MICELI, 2011, p. 81)

Tal como nas *Paisagens Propícias* (2005) e na *Terceira Metade* (2009), o texto alimenta-se da sua provisoriedade. A sua fixação numa forma estável é *a priori* recusada por um autor em que a reflexão metaficcional implica necessariamente um questionamento constante das próprias bases da narrativa, a partir do estatuto da voz autoral, da noção de centro e da opção por um género literário definido.

Na obra há inúmeras referências não a um filme, mas a vários filmes que o autor gostaria de rodar a partir de imagens, histórias e personagens que lhe vêm à cabeça. O livro encena, assim, a construção de um roteiro virtualmente infinito para uma série de obras futuras. (MICELI, 2011, p.87)

O narrador focaliza os momentos decisivos da colonização e da independência brasileira comparando-a com a situação angolana onde, apesar dum mesmo passado colonial, as coisas não aconteceram da mesma maneira. Explica a Paulino, o narratário, o extermínio dos índios, as características duma sociedade sertaneja dominada pela pecuária, economia destinada a alimentar as fazendas de cana do litoral. Define também a sua formação complexa e contrastada.

Considerações Finais

Ruy Duarte de Carvalho dedica algumas das suas reflexões ao conceito de alteridade, ciente do modo como a diferença é também ela produzida pelos discursos hegemônicos, classificadores e, por isso mesmo, redutores. O autor nos mostra uma forma de escrever o mundo nosso contemporâneo que permite leituras que recusam a pensar o mundo de modo binário. Sempre atento ao que a viagem lhe oferece, lemos como ele avalia de modo crítico a realidade circundante, no modo como interroga a marcha e a escrita da história e o modo como ela inscreve a nação, atento aos que dela ficam fora, mas ciente da necessidade de se inventar um percurso coletivo que permita um futuro alternativo. A leitura da sua obra é assumidamente parcial, fragmentária e incompleta, mas atenta a múltiplas visões e leituras do seu mundo que não se reduz a Angola ou a África, mas integra outras visões que vai reunindo através das suas viagens, entre o Namibe e Luanda, Coimbra ou Lisboa, a África, a Europa, a América.

Desmedida oscila entre ensaio e a ficção. Ruy Duarte de Carvalho convida o leitor a seguir com ele os roteiros dos escritores brasileiros como Guimarães Rosa e Euclides da Cunha, através de digressões na demanda da história.

Tais processos narrativos, já usados desde os séculos anteriores, tanto por escritores brasileiros quanto portugueses, nada teriam de muito original se não inaugurassem um novo olhar e sobretudo uma nova perspectiva sobre o Brasil. Retomando o vaivém dos barcos negreiros, o relato cria metáforas para expressar tanto a viagem real ao longo do São Francisco como as memórias passadas.

Instaura-se assim um diálogo transcultural, ultrapassando as fronteiras, para tentar definir um destino comum, tendo na língua um meio de encontros e diálogos futuros. A obra literária revisita a história, bem como os costumes e as tradições, permeada pelas interrogações que a viagem suscita ao narrador.

Referências

CARVALHO, Ruy Duarte. *A Câmara, a Escrita e a coisa dita...* fitas, textos e palestras. Luanda: INALD, 1997.

CARVALHO, Ruy Duarte de. *Vou lá Visitar Pastores*. Lisboa: Cotovia, 1999.

CARVALHO, Ruy Duarte de. *Os Papéis do Inglês*. Lisboa: Cotovia, 2000.

CARVALHO, Ruy Duarte. *Actas da Maianga*. Dizer das guerras em Angola ... Lisboa: Cotovia, 2003.

CARVALHO, Ruy Duarte de. *As Paisagens Propícias*. Lisboa: Cotovia, 2005.

CARVALHO, Ruy Duarte de. *A Terceira Metade*. Lisboa: Cotovia, 2009.

CARVALHO, Ruy Duarte de. *Desmedida- Luanda - São Paulo - São Francisco e volta* – Crónicas do Brasil. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.

COLLOT, Michel, L'ouverture au(x) Monde(s). In: *Paysage et poésie du romantisme à nos jours*. Paris: José Corti, 2005, p. 371-392.

GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas*. O antropólogo como autor. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2005.

GLISSANT, Edouard. *Tout-Monde*. Gallimard, 1993.

GUATTARI, Félix; ROLNICK, S. *Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

MICELI, Sónia. *Contar para Vivê-lo, Viver para Cumpri-lo*. Autocolocação e Construção do livro na trilogia ficcional de Ruy Duarte de Carvalho. Mestrado em Estudos Comparatistas, 107 p. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011.

SANCHES, Manuela Ribeiro. Outros lugares. Outros tempos. Viagens pela pós-colonialidade com Ruy Duarte de Carvalho. Revista *BUALA*, p. 1-5:

<http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/outros-lugares-outros-temposviagens-pela-pos-colonialidade-com-ruy-duarte-de-> Acesso a 06 de março de 2016.

SIMONET, Mathieu. *Genèse de l'autofiction, assumée ou non*, 2010. Disponível em: www.autofiction.org. Acesso em: 22 de fevereiro de 2011.